

## **O Estado de S. Paulo**

**12/7/1986**

### **AS ACUSAÇÕES**

O motorista Orlando de Souza, funcionário da Agro Pecuária Crescional, que dirigia o ônibus Mercedes-Benz HP-6547 em que viajavam 43 bóias-frias, ao ser ouvido ontem à noite na Delegacia de Polícia de Leme, acusou os ocupantes do Opala da Assembléia Legislativa de São Paulo de terem "fechado" o ônibus e atirado.

O secretário da Segurança, Eduardo Muylaert, recebeu a informação pouco depois das 21 horas em seu gabinete, e disse mais: além de Orlando, outras três testemunhas ouvidas no inquérito também acusaram os ocupantes do carro oficial. No final da tarde de ontem, o delegado José Tolero, seccional de Rio Claro, e em Leme desde as primeiras horas da manhã, encaminhou ao gabinete do secretário um telex com todos os detalhes da ocorrência que terminou com a morte de uma empregada doméstica e de um bóia-fria.

Segundo Tejero, o incidente ocorreu na avenida Visconde Nova Granada, na saída para a usina Crisciumal. Eram 6h30 e os tiros "duraram de quatro a cinco minutos". O ônibus dirigido por Orlando de Souza levava 43 cortadores de cana, tinha a proteção interna de quatro soldados da PM e era escoltado por uma viatura com outros quatro soldados. Quando passava perto de um ponto de ônibus onde estavam cortadores de cana e passageiros comuns, o ônibus foi "fechado" pelo Opala da Assembléia Legislativa, placas "frias" M1-9964 à disposição do deputado estadual Geraldo Siqueira, do PT, erra dirigido por Geremias Rodrigues Marques, tendo como passageiros o deputado federal José Genoíno Neto, Paulo Azevedo, candidato a vice-governador pelo PT, e um homem conhecido apenas como "Chicão".

O delegado relata que houve tiros e morreram a empregada doméstica Cibele Aparecida Manoel, 17 anos, que estava no ponto de ônibus, e o lavrador Orlando Correia, 21 anos, funcionário da Usina São João. Houve também um confronto envolvendo policiais militares e revistas, e ficaram feridos os deputados Djalma Souza Bom e José Genoíno, o metroviário Paulo Azevedo, os lavradores Vitor Jorge Santa, Paulo Afonso Duarte, Antônio Quirins Lopes, Victor Nogueira, Valdecir Donizeti Rosa, Jorge Aparecido Quília, Ademir Livio Generoso Silva, Paulo Honório Pereira, José Carlos Ambrósio, e os militares Wilson José Trizton, Moacir Vicente Barbieri, Lídio Dal Ólio, Eleotério Martins.

Foram apreendidos pela polícia: O Opala placas "frias" M1-9964, cujo verdadeiro registro oficial GC-8738 estava embaixo do banco, outro Opala oficial placas GY-1429, do deputado Anísio Batista e dirigido por Manoel Carlos dos Santos, o Gol placas HZ-7647 do Centro de Formação de Estudos Sindicais de Campinas, dirigido por Wilson Santa Rosa, diretor da CUT em Campinas, o ônibus transportador dos cortadores de cana e duas viaturas da PM completamente danificadas.

### **Contradições**

"Os piqueteiros foram liderados por pessoas que pouco têm a ver com a greve, pessoas que quebraram os ônibus e efetuaram disparos com armas de fogo ao simples gesto de iniciar a formação antitotim tomada pelo pelotão de choques ." Essa é a versão oficial da Polícia Militar, de acordo com um dos comandantes da operação, o capitão policial militar Antônio Carlos Veronezzi. Uma explicação contraditória, como todas as outras dadas por policiais militares que participaram ativamente do conflito, nas fileiras do pelotão de choque.

O sargento Winston Tristão, por exemplo, era um dos três policiais que estavam dentro do ônibus interceptado pelos grevistas. Ele diz que o ônibus que transportava 50 bóias-frias para a

Usina Crisciúmal foi interceptado pelo Opala azul com placa de São Paulo. Tristão não sabe de onde veio o Opala — "acho que estava atrás do ônibus rodando com os faróis apagados", diz ele —, mas mesmo no escuro conseguiu ver, dentro do automóvel, o deputado federal José Genoíno e até mesmo a cor da camiseta usada pelo motorista do carro: vermelha.

As contradições nas versões dadas pela polícia estão centralizadas principalmente no fato de o Opala do deputado Genoíno ter interceptado o ônibus: no exato momento em que os policiais dizem que o deputado atirava contra o ônibus, ele estava conversando com um outro oficial da Polícia Militar, que também comandou a operação. Enquanto o capitão trilhar, tentava explicar, por exemplo, que Cibele e Orlando morreram supostamente por terem sido atingidos por uma bala — os policiais garantem que "só atiramos para cima" — o delegado seccional de Rio Claro, José Tejero, por sua vez, afirmou que uma bala pode ricochetear em uma parede e voltar. Não comentou, entretanto, que os tiros foram disparados ao ar livre, em praça pública, onde não há qualquer obstáculo que possa provocar o desvio da bala.

Para o capitão Veronezzi, a Polícia Militar foi destacada para cumprir um mandado de segurança — expedido pelo Fórum local — isto é, na verdade, um habeas corpus que garante o direito ao trabalho dos bóias-frias que não concordam com a greve: "A ação foi bem sucedida: vários ônibus passaram pelos piquetes", diz ele. O destacamento da Polícia Militar de Leme, que mantém apenas 20 policiais, foi reforçado em mais 180 homens em menos de 24 horas.

Policiais militares de São Paulo, Campinas, Limeira e Araraquara foram destacados para o município na quinta-feira com a finalidade exclusiva de impedir o bloqueio que vinha sendo programado pelos grevistas.

### **Sem Armas**

O deputado federal José Genoíno, entretanto, contesta a versão oficial sobre o conflito, afirmando que só os policiais atiraram. Genoíno — que chegou em Leme por volta das 5h30 — disse que os trabalhadores rurais apenas fizeram uma reunião em defesa da greve, pedindo que as pessoas que estavam nos ônibus descessem. Para tentar demonstrar que o piquete era pacífico, o deputado ressaltou que, antes do tumulto, três ônibus já haviam passado sem problemas.

Sobre a suposta fechada que o automóvel que transportava Genoíno, Djalma Bom — também deputado federal — e o deputado estadual Anísio Batista (todos do PT) deu no ônibus, o parlamentar comentou que Isso é uma farsa, destacando que os Opalas de placas MI-9964 e AL-22 estavam estacionados no momento do conflito. Segundo Genoíno, os carros só deixaram o local para levar os feridos até o hospital, meterdes Orlando Correia, que morreu nos braços de Djalma Bom. José Genoíno afirmou ainda que, na Santa Casa, ele, Batista, Bom, o candidato a vice-governador pelo PT, Paulo Azevedo, e outros acompanhantes dos deputados, foram abordados por policiais militares, que os levaram detidos "dentro de um camburão".

### **Ação Criminal**

Genoíno denunciou também o arrombamento de um dos carros oficiais pela polícia, e anunciou que no início de agosto ajuizará uma ação criminal contra os responsáveis pela operação que reprimiu os bóias-frias e provocou ferimentos nos parlamentares. O conflito, na opinião do deputado, poderia ter sido evitado pelo secretário da Segurança, Eduardo Muiyler. Na noite de quinta-feira, Genoíno telefonou para Muiyler, "pedindo que se evitasse uma nova Guariba". Ele classificou a ação da tropa de choque da Polícia Militar como uma "agressão covarde, pois atiraram indiscriminadamente e invadiram residências".

## **PEDRADAS**

A versão de Genoíno foi confirmada por Eustáquio Luciano Zica, membro da CUT da região de Campinas e candidato a deputado estadual pelo PT. Seu automóvel, um Gol amarelo, foi perfurado a bala no pára-lamas traseiro direito. Um dos feridos, Jorge Aparecido Killiam, também afirmou que os piqueteiros não estavam armados, reagindo aos tiros apenas com pedras que retiraram dos dormentes dos trilhos da via férrea. Aparecido levou um tiro no abdômen, mas o projétil — que ficou alojado sob sua pele — só deverá ser extraído hoje. Ele disse ainda que alguns policiais tentaram retirá-lo do hospital com o objetivo de convencê-lo a declarar que "não foram eles que me atingiram". Na lista dos feridos, elaborada pela polícia, consta que Aparecido sofreu "escoriações", apesar de a bala poder ser constatada com um simples toque de mão.

***(Página 9)***